

## Um homem de bem

JOSÉ SARNEY



**T**eria completado 100 anos neste 2 de fevereiro um grande brasileiro, Oscar Dias Correa. Tive a honra de ser seu colega na bancada da UDN na Câmara dos Deputados, seu companheiro de vice-liderança do partido, seu confrade na Academia Brasileira de Letras e, mais ainda, de ter tido sua colaboração em meu governo.

Oscar Correa tinha uma formação em Direito marcada pela excelência: entre outras demonstrações de brilho do estudante, conquistara os prêmios nacionais de monografia e oratória do Instituto dos Advogados Brasileiros. Em 1955, trazia uma larga experiência acadêmica, pois era professor de várias cadeiras, entre elas a cátedra de Economia da atual UFMG. A vida acadêmica não abandonaria jamais, deixando sua presença fértil em inúmeras universidades.

Dez anos mais velho que eu, Oscar já tinha uma bagagem política importante, que começara ainda estudante, combatendo a ditadura de Getúlio Vargas e o governo de Benedito Valadares. Durante dois mandatos na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, ao lado de Edgar da Matta Machado e outros, mantivera Juscelino Kubistchek na defensiva durante seu mandato de governador.

Desde que assumiu seu mandato de deputado federal, continuou seu combate ao governo de JK — com a marca do “Manifesto dos mineiros”, de que haviam participado seus mestres, Milton Campos e Franzen de Lima —, defendendo com firmeza a posição de nosso partido. Eu, que combati Juscelino a seu lado, hoje reconheço que cometemos grandes injustiças.

Costumo dizer que, na Banda de Música da UDN, eu tocava reco-reco. Oscar Correa já

chegara tocando violino. Em seu discurso de posse na ABL, lembrou seu encontro com Menotti del Picchia, a quem sucedia na cadeira 28. Estreava na tribuna, e Menotti — um dos líderes da Semana de Arte Moderna de 1922 —, deputado pelo PTB, lhe disse:

— Menino, quando você foi à tribuna perguntei-me: que que esse menino vai falar, depois de Capanema, Arinos, Baleeiro, Adauto, Lacerda. E sabe de uma coisa? Gostei de seu discurso!

É que fizera uma ousadia: citara Dante em italiano.

Dante Alighieri era uma de suas paixões, conservada até a morte, ocorrida poucos dias antes de lançar um livro sobre o autor da *Commedia*. Mas sua grande paixão era o Brasil.

Com a UDN no coração, foi sempre fiel à ideia da legalidade. Quando, em 1965, fui eleito governador do Maranhão, Oscar Correa era secretário-geral do partido. Veio o AI-2, que retomou as cassações, reformou o STF, acabou com as eleições diretas para presidente da República e dissolveu os partidos políticos. Protestou com o gesto de deixar a vida parlamentar. Mas manteve sempre na lapela o broche da UDN, que só tirou ao assumir sua cadeira no STF.

Afonso Arinos, ao recebê-lo na Academia, lembrou que, tendo escrito, a pedido de Castelo Branco, o capítulo de direitos e garantias individuais da Carta de 1967, Oscar Dias Correa chamara a atenção sobre “a insídia do artigo seguinte, onde se dizia que ‘a lei estabeleceria os termos em que os direitos e garantias individuais seriam exercidos’”.

Pouco depois de formado, em 1946, montou sua primeira banca de advocacia — junto com Carlos Castelo Branco, que, segundo Oscar, nunca apareceu no escritório. Foi ativo no Instituto de Advogados do Brasil. Aceitou, em 1982, como coroamento de sua carreira de jurista, suceder a Clóvis Ramalhete no Supremo Tribunal Federal. Ali foi um ministro dife-

rente, pois, num tempo em que a grande Casa era um lugar de discricção, ele continuou a dar sua opinião sobre a vida nacional.

Em 1989 o convidei, por seu valor, para assumir o Ministério da Justiça de meu governo, deixando a cadeira no Supremo. Interrompeu sua presença na Casa pelo sentimento de ser mais útil ao país participando daqueles difíceis momentos de nos adaptarmos à Constituição e de enfrentarmos a oposição de todos os candidatos a presidente da República. Foram meses de batalha diária em que voltamos a atuar lado a lado. Sua lealdade e coerência sempre foram absolutas.

Oscar Correa era um homem esguio, comprido, ativo. Gostava de dizer que não sabia ficar sem fazer nada. “Só fico parado quando minha mulher me chama para conversar, sentados no sofá, depois do almoço. Quando estou parado, no mínimo leio a ‘Divina Comédia’, de Dante.”

Oscar escreveu que seu pai, Manoel Dias Correa, era “cidadão exemplar, pai de família modelo, homem cívico de inigualável patriotismo”, com “o espírito voltado incansavelmente para as grandes causas”. Essas palavras servem para descrever Oscar Dias Correa com precisão.

A vida inteira tive Oscar Correa como um dos meus melhores amigos. Foi brilhante em tudo. Na UDN estivemos juntos em muitas e muitas campanhas. Sua experiência e sabedoria, sua grande e notável capacidade me ajudaram muito no Ministério da Justiça. Com sua cultura, que incluía seu conhecimento da literatura nacional e da europeia, principalmente francesa e italiana, deixou uma marca indelével por toda parte onde passou. Eu tenho muito orgulho de ter sido seu amigo, seu companheiro e seu admirador.



José Sarney  
é ex-presidente da República

